

sinopse Preso pela primeira vez em Julho de 2009, Jafar Panahi teve o passaporte apreendido e foi proibido de sair do Irão. Preso novamente em Março de 2010, ficou encarcerado na prisão de Evin, em Teerão, até finais de Maio, saindo sob uma fiança de 145 mil euros; em Dezembro desse mesmo ano, foi condenado a seis anos de prisão e vinte anos de proibição de filmar e de sair do país. Agora, a aguardar, em prisão domiciliária, o veredicto ao recurso interposto pelo seu advogado, Panahi e outro cineasta iraniano, Mojtaba Mirtahmasb, decidem "contar" um filme. Assim, usando um tapete como maquete, Panahi desenha um cenário imaginário construindo um filme onde demonstra o poder do cinema contra a repressão e liberdade de expressão, seja no Irão ou em qualquer outra parte do mundo.

Devido às restrições do realizador, este filme, em competição em Cannes 2011, chegou numa "pen" USB escondida dentro de um bolo.

Jafar Panahi foi também homenageado na última edição da Berlinale, onde foram exibidos todos os seus filmes. Uma vez que não lhe foi possibilitada a deslocação a Berlim, como também não tinha sido em Cannes, a sua cadeira de júri foi mais uma vez deixada vazia como manifestação de pesar.

Ficha Técnica

Título original: In Film Nist (Irão, 2011, 74 min.)

Realização: Mojtaba Mirtahmasb, Jafar Panahi

Argumento, Produção, Interpretação e Montagem: Jafar Panahi

Estreia: 2 de Novembro de 2012

Distribuição: Alambique

Classificação: M/12



O filme solitário de Jafar Panahi

João Lopes, Cinemax, 4 de Novembro de 2011

Condenado pelos tribunais do Irão, Jafar Panahi ressurgiu com um filme de título insólito: "Isto Não É um Filme". Ou como a defesa da liberdade de expressão está na ordem no dia.

A passagem de "Isto Não É um Filme" no último Festival de Cannes teve tanto de perplexidade como de emoção: condenado a seis anos de prisão (e a vinte de interdição de filmar), o cineasta iraniano Jafar Panahi filmava-se na sua própria casa, em Teerão, na expectativa de desenvolvimento de um processo nos tribunais que, escusado será dizê-lo, alterou por completo a sua existência.

Distinguido com o Leão de Ouro de Veneza/2000, com o filme "O Círculo", Panahi propõe-se, assim, deixar a marca de alguém que não desiste da sua vontade de criação e do desejo de continuar a olhar o mundo à sua volta. Com a colaboração do seu amigo Mojtaba Mirtahmasb,

Panahi filma a própria impossibilidade de sair à rua, explorando até ao limite a possibilidade de a sua casa funcionar como uma câmara de eco da sua situação.

"Isto Não É um Filme" funciona, assim, como uma espécie de desafio aos limites do próprio olhar documental: por um lado, dá-nos a ver um homem no seu quotidiano, na solidão de sua casa, usando telemóvel e Internet para manter os laços com o exterior; por outro lado, elabora um retrato que tem tanto de tocante e humano como de simbólico e, enfim, eminentemente político.

Apoiado pela comunidade cinematográfica internacional, em especial dos dois lados do Atlântico, Panahi é, hoje em dia, mais do que um notável cineasta: é também uma bandeira viva da defesa dos direitos humanos e da liberdade de expressão. A estreia de "Isto Não É um Filme" constitui, por isso, um acontecimento fundamental no mercado português (completado pelo lançamento de um dos seus filmes de ficção, "Fora de Jogo", datado de 2006).

Panahi entrou para dentro do seu cinema

Vasco Câmara, Público de 3 de Novembro de 2011

Um realizador que passou a sua obra a mostrar pessoas enclausuradas - como em "Offside", que também hoje se estreia - torna-se personagem (forçada) do seu cinema

A sequência, em "Isto Não é um filme", em que Jafar Panahi desenha no chão a clausura que cerca a personagem de um argumento seu que nunca chegou a realizar (uma rapariga que os pais não deixaram que se matriculasse na faculdade e que encerraram em casa) é momento de trágica ironia - intromete-se aqui a "ironia" por pudor. É como se a um realizador que passou a sua obra a mostrar pessoas enclausuradas chegasse o momento de ser personagem do seu cinema. É como se um cineasta tivesse passado a sua obra a explicitar a vida cercada no Irão e com isso tivesse arquitectado a geometria do seu enclausuramento. Construindo, bloco a bloco, filme a filme, o muro que hoje o isola do mundo.

Jafar Panahi teve a colaboração do seu colega documentarista Mojtaba Mirtahmasb para documentar o seu estado de espírito enquanto aguardava, em prisão domiciliária, a decisão sobre o recurso, para os tribunais iranianos, da pena que o condenou a seis anos de prisão e a 20 sem poder trabalhar e dar entrevistas - pena que viria a ser confirmada; Mojtaba Mirtahmasb foi, entretanto, preso. "Isto não é um filme", que chegou à Cinemateca francesa em Paris numa pen dentro de um bolo (e de Paris a Cannes 2011), começa por ser, então, a crónica desse desespero. De uma paralisia forçada. Jafar, no seu apartamento de Teerão, sem os seus filmes. Jafar e os filmes que nunca o foram porque nunca deixaram de ser argumento - é de Mirtahmasb a ideia, explicitada em "Isto não é um filme", de institucionalizar um género cinematográfico iraniano, o dos argumentos que a censura não deixou que fossem filmes.



Há algo próximo do "escândalo", aqui, na forma como somos progressivamente tomados e ocupados por esta coincidência entre as vidas que Panahi ficcionou e a vida que Panahi vive,

nestas imagens em que o realizador foi empurrado para dentro do seu cinema (“Isto não é um filme” será o contrário, nesse caso, de “A Rosa Púrpura do Cairo”, de Woody Allen: não é uma personagem que sai do ecrã, é um realizador que é empurrado para dentro dele). “Entre paredes”, como a rapariga de “Offside”, impedida de entrar para o estádio e assistir a um jogo de futebol, imobilizada num rectângulo de segurança no exterior - filme de 2006, também é agora estreado e lançado em DVD; ou como o vendedor de “pizzas” de “Sangue e Ouro” (2003), personagem à medida de um “film noir”, com sombras das grades cravadas sobre a sua vida - um dos filmes que mais explicita a violência de uma sociedade (argumento de Abbas Kiarostami, sempre menos explícito nos seus próprios filmes); ou como as mulheres de “O Círculo” (2000), esse filme que se experimenta, de forma terrível, vibrante, como um corupção sem saída, linhas circulares que se estancam apenas quando o rectângulo de uma janela de cárcere se fecha - recorda-se o seu aparecimento no Festival de Veneza, a sensação para um espectador, mesmo (ou sobretudo) aquele habituado aos ziguezagues campestres iranianos através de Abbas Kiarostami, de que nunca tinha visto nada assim, Teerão, finalmente exposta, esventrada, Teerão cidade aberta (para o espectador ocidental), Teerão cidade fechada.

Tudo isto, a angústia e a claustrofobia que vivem no cinema iraniano (naqueles filmes iniciais, com crianças, de Abbas ou de Jafar - este começou por ser assistente daquele), com as intermináveis conversas e situações que não se resolvem, está connosco, no nosso imaginário, quando estamos com Jafar no seu apartamento.

O nosso egoísmo de espectadores dirá, depois, que há um momento que (nos) salva. Quando Panahi deixa de ser personagem e passa a ser realizador do seu cinema - consola-nos que nesse momento ele experimente algo próximo da salvação. A câmara passa a ser empunhada por quem até aí tinha sido o objecto do aparelho, Jafar encontra uma personagem, um “homem do lixo”. Num elevador, em minutos que parecem intermináveis (o cinema pode libertar, mas o cinema iraniano também liberta a sensação de claustrofobia), concretiza-se a beleza e também a crueldade de uma cinematografia: vampirizar e, simultaneamente, deixar-se consumir por uma personagem. É justo. E a evidência de que quando existe “cineasta” existe “cinema” - e não apenas filmes.

Lá fora, a população de Teerão comemora festividades, Jafar fica à porta do edifício (não pode aventurar-se mais, está proibido), é a antevisão de algo próximo da liberdade. Exactamente como no final de “Offside”, quando as personagens comemoram a vitória futebolística do Irão - mas como nesse filme, é algo próximo do sonho, do desejo, do fantasma. O cinema servirá de consolo?